

# CIDADE IMAGINÁRIA ANTIRRACISTA: UM OLHAR SOBRE AS INTERVENÇÕES URBANAS POR MEIO DAS INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS

MOTA, Edimilson Antônio,  
[José Augusto Pereira Navarro](#)

## RESUMO

Este trabalho apresenta a instalação “Cidade Imaginária Antirracista: um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações artísticas”, e tem como abordagem refletir acerca da segregação do espaço urbano brasileiro, que historicamente é atravessado pela desigualdade racial. A questão problematizadora colocada buscou compreender, como uma instalação artística, como espaço de reflexão, pode contribuir e levar o público a refletir acerca do racismo como um vetor estruturante da segregação do espaço da cidade. A proposta teve como objetivo refletir o espaço segregado da cidade através de uma poética antirracistas; e, para isto, buscou discutir o conceito de espaço na arte contemporânea, assim como destacar a importância da participação do público com a instalação artística. A pesquisa foi qualitativa e as metodologias aplicadas foram: levantamento bibliográfico, descrição da teoria de criação da instalação artística, e descrição da exposição da instalação artística “Cidade Imaginária Antirracista: um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações artísticas”, e por último, houve a coleta e análise dos depoimentos do público participante. A instalação “Cidade Imaginária Antirracista: um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações artísticas” foi exposta no campus da Universidade Federal Fluminense-Campos (RJ). O material utilizado para a instalação artística foi, caixa de papel reutilizada e ressignificada como *ready-mades*. O propósito construtivo dos materiais se fundamentou a partir da revisão bibliográfica do estado da arte, com base nos autores Oiticica (1986), Bourriaud (2009) e outros. Durante o período da mostra houve intensa participação do público com a obra, onde puderam refletir sobre o racismo e a segregação do da cidade.

**Palavras-chave:** Cidade. Racismo. Antirracismo. Instalação. Intervenção.

### 1. Introdução

Na Arte Contemporânea, a instalação artística é uma das linguagens mais importante e reconhecida, pois ela estimula as percepções sensoriais e permite o público interagir com a obra. A instalação artística é um tipo de intervenção urbana e, por ela, o público tem contato direto com a obra e interage com a mesma como participante (HOITICICA,1986). A intervenção urbana “Cidade Imaginária Antirracista:

um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações artísticas”, propôs levar o público a refletir sobre a cidade e, por meio da poética, se colocar e intervir nos espaços públicos e criar novos arranjos no espaço urbano. Para a reflexão, a presente instalação colocou o racismo estrutural como o vetor da segregação urbana da cidade. O objetivo foi despertar o olhar crítico do observador e assim chamar o público para participar da instalação e por ela propor uma cidade imaginária antirracista construída a partir do ponto de vista de cada participante.

Quando vimos ou assistimos cenas de injúria racial no cotidiano da cidade, como os casos de muita repercussão nacional, como o de João Alberto Silveira Freitas<sup>1</sup>, negro, espancado e morto em um supermercado Carrefour de Porto Alegre, ou a mais das recentes barbáries, com o imigrante congolês, Moïse Kabagambe<sup>2</sup>, ocorrido na orla da praia na Barra da Tijuca – RJ. Moïse foi ao seu local de trabalho para receber pelos serviços prestados e foi brutalmente assassinado. É verdade também, que casos como esses para a maioria das pessoas a reação é a indignação imediata, porém, muitas vezes, a reatividade não passa da linha de se indignar. Não basta ser um indignado contra atos racistas é preciso ser combativo à sua permanência. Não é suficiente se indignar contra o racismo é preciso se criar forma e conteúdo antirracista no seu combate.

Já que a arte é o lugar pelo qual os múltiplos olhares se atravessam, por ela é possível também se combater o racismo. Para pensar o racismo e suas implicações, o presente artigo buscou responder a seguinte questão-problema: Como uma instalação artística pode contribuir para o desenvolvimento de uma tecnologia social educativa antirracista, que permita ao espectador refletir sobre os elementos estruturais do racismo na cidade? Justifica-se a proposta de a criação de uma instalação artística antirracista, que, como dito anteriormente: não se combate o

---

<sup>1</sup> Fonte: O Globo. A matéria aborda os principais fatos sobre o assassinato do João Alberto Silveira Freitas, morto no supermercado Carrefour em Porto Alegre. O texto foi publicado em 19/11/2022, às vésperas do episódio completar um ano. <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/11/19/caso-joao-alberto-o-que-se-sabe-um-ano-depois-do-assassinato-em-supermercado-de-porto-alegre.ghtml>. Acessado em 13/03/2022.

<sup>2</sup> Fonte: CNNBrasil. A matéria é de autoria dos jornalistas de Pedro Duran e Beatriz, sobre o caso Moïse, e trata da investigação da polícia e MP sobre a participação de outras sete pessoas na cena do crime. Publicada em 15/02/2022. Acessado em 13/03/2022. <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/caso-moise-policia-e-mp-investigam-participacao-de-outras-7-pessoas-na-cena-do-crime/>

racismo apenas com a indignação, é preciso se criar meios de se combater. A arte é um meio pelo qual o racismo é combatido<sup>3</sup>. A criação da instalação artística, “Cidade Imaginária Antirracista: um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações artísticas” reflete sobre o racismo na cidade onde diariamente o destrato, a injúria e crimes são recorrentes contra a população negra. A presente instalação artística cumpre também a função de tecnologia social, já que se torna para o público uma ferramenta com a finalidade de propor meios de combate ao racismo na cidade. Ela permite ao público participante a criar e recriar arranjos de inclusão antirracista na cidade.

Como tal, ela objetivou mostrar o espaço urbano como um lugar atravessado de relações raciais em que olhares e histórias se entrecruzam no dia-a-dia na cidade. Porque, de fato, pessoas são atravessadas de Sem-Preconceito, Diversidade, Igualdade, Cultura, Arte, Educação, Mobilidade, e Amor. Essas palavras são coeficientes com a capacidade de levar o público - o participante- segundo o seu ponto de vista refletir suas vivências nos arranjos espaciais da cidade.

A proposta da instalação como primeiro objetivo bucou: 1. Abordar o conceito de espaço na arte contemporânea; e, 2. Levar o público a se colocar como participante reflexivo, e criar arranjos poéticos antirracistas sobre o espaço segregado da cidade. O público é convidado a participar e a interagir com a instalação e a se utilizar de todas as palavras-comando expostas no parágrafo anterior e estabelecer relações de sentido com os blocos coloridos e recriar outros arranjos do espaço urbano, conforme mostra a imagem 01 da página 18.

## **2. Metodologia**

As metodologias utilizadas foram revisão bibliográfica e pesquisa experimental. Na primeira parte foi selecionado e revisado um conjunto de autoras/es do campo da arte, cuja abordagem teórica põe por discussão: a arte contemporânea, o espaço na arte contemporânea, a instalação e intervenção urbana; e por fim, a palavra racismo como eixo atravessador à essas palavras. O

---

<sup>3</sup> Ana Carla de Moraes da Silva e Beatriz Araújo da Silva, no presente artigo as autoras abordam os temas, Arte, Saberes Ancestrais e Educação. Para falar sobre o pertencimento e reconhecimento histórico do corpo negro as mesmas apontam a importância de se fazer a re-conexão com a memória do povo africano a partir da diáspora.

procedimento metodológico se subdividiu em quatro partes, são elas: 1. Levantamento bibliográfico, 2. Descrição da teoria de criação da instalação artística, 3. Descrição da exposição da instalação artística, “Cidade Imaginária Antirracista: um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações artísticas”, e, 4. Análise dos depoimentos coletado do público participante da instalação durante a exposição.

A instalação foi composta por conjuntos de centro e cinquenta blocos geométricos coloridos feitos de caixa de papelão reaproveitadas dos descartes feitos pelos supermercados da cidade de Campos dos Goytacazes. Primeiro as caixas passaram por um processo de pintura nas cores primárias, secundárias e terciárias, sendo ressignificadas como *ready-mades*<sup>4</sup> e; no segundo momento, do conjunto, as mesmas foram expostas numa área de trezentos metros quadrados, como I Mostra Artística, no *campus* da UFF, nominada de: “Cidade Imaginária Antirracista: um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações artísticas”. Cada bloco colorido correspondia à cor de cada palavra descrita no bloco de comando branco onde continha as instruções para o público, conforme mostra a imagem 01<sup>5</sup> da página 19.

As palavras descritas no bloco de comando branco são: Sem-Preconceito, Diversidade, Igualdade, Cultura, Arte, Educação, Mobilidade, Amor. O público é convidado a escolher até três palavras e com elas recriar novos arranjos do espaço urbano. Após a composição do arranjo, o participante era convidado pela equipe de apoio a fazer o seu depoimento e se explicar os porquês das escolhas pelas palavras-chave e as formas para as quais a cidade foi recriada.

### 3. Revisão bibliográfica/ Estado da arte

A memória é um dispositivo cognitivo e social que faz lembrar as formas de existir e de significar os objetos e equipamentos de diferentes tempos e espaços da cidade. Em seu romance ‘As Cidade Invisíveis’, Ítalo Calvino diz que: “A memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir” (CALVINO, 1990, p. 23). De fato, a

---

<sup>4</sup> Exposição de objetos prontos, já existentes e em geral utilizados na vida cotidiana (CAUQUELIN, 2005, p. 93).

<sup>5</sup> Vide imagem 01.

existência de uma cidade dá-se pela memória visual e o seu espaço urbano é visto pelo olhar de quem sobre ela se coloca a dizer a respeito das suas projeções pretéritas e futuras. Definimos aqui o espaço urbano como o espaço da cidade, com ruas, bairros, praças e diferentes tipos de equipamentos, como, fábricas, bancos, igrejas, casas, e com estrutura social própria do sistema urbano (CASTELLS, 2020, p. 340).

Sobre tipo de cidade, para Corrêa (1989), o espaço urbano de uma cidade capitalista é simultaneamente fragmentando e articulado, e, toda cidade como forma do espaço urbano está dividida em áreas residenciais segregadas, o que faz refletir da sua paisagem uma complexa estrutura social de diferentes classes sociais. Já num recorte mais racial do espaço urbano, para Cunha Júnior (2019), “a cidade é composta de bairros onde vivem as pessoas e onde a diversidade humana se manifesta”. O autor afirma também que: “Existe uma intencionalidade em não tratar as temáticas de interesse da população negra e as raízes dessa problemática precisam ser pensadas e discutidas” (CUNHA JÚNIOR, 2019, p. 19). Para este autor é fundamental que, ao estudar o campo do conhecimento urbanístico, deve haver uma preocupação de se centralizar na importância na produção da cidade principalmente para as habitações que representam um tipo de indicador de desigualdade social e tem consequências visíveis para a vida da população negra, o que é chamado por ele de racismo antinegro. Ele define assim:

O racismo antinegro como ideologia é estrutural na formação histórica brasileira, pode ser lido na história da realidade, constatado na geografia e na forma urbana das cidades brasileiras e deveria ser um conceito de análise nas diversas ciências humanas brasileiras, no entanto ocorre o contrário, o contraditório, racismo estrutural antinegro é conceito rejeitado por boa parte das ciências humanas sob a fraca alegação de que devido à “miscigenação racial” não existe racismo nas relações sociais brasileiras (CUNHA JÚNIOR, 2019, 16).

Contra a permanência do racismo estrutural antinegro posto pelo autor, Mota (2009) diz que a questão racial, no Brasil, sempre foi tema de consenso e controvérsia, e, isto por um lado está na idealização e na condução da elite dirigente do Estado nas instâncias de poder, onde na sua maioria são homens e mulheres brancas, que sempre se utilizaram dos mecanismos de controle e de discursos institucionais, que, de seus lugares de poder, como, a universidade, a escola, a mídia, “promoveram simbolicamente a integração nacional sob o “conto das três raças”, por onde brancos, negros e índios forjaram a identidade nacional do Brasil mestiço e homogêneo racialmente (MOTA, 2009, p. 15).

De fato, o racismo é estrutural. Contra a sua estrutura não basta não ser racista é preciso ser antirracista. Ser antirracista evoca romper com o silenciamento posto pelo racismo e, a partir disso, propor meios e condições de combate. A instalação artística, “Cidade Imaginária Antirracista: um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações artísticas” é uma intervenção urbana, que teve como propósito colocar a desigualdade racial como ponto de reflexão e levar o público a interagir com diferentes possibilidades de tipos de arranjos do espaço urbano antirracistas. Só se produz formas antirracistas do espaço urbano, quando todos têm o direito ao lugar de fala. Falar é existir para o outro. Segundo Kilomba (2018, p. 33) é preciso que caia a máscara do colonialismo: “Ela simboliza políticas sádicas de conquista e dominação e seus regimes brutais de silenciamento das/os chamada/os “Outras/os”. Com relação à mulher negra e o homem negro a artista e pensadora se pergunta: “Quem pode falar? O que acontece quando falamos? E sobre o que podemos falar?”(Idem, p. 33). A boca seria o principal mecanismo de emissão no ato de falar. Para a mesma, a boca representa à enunciação a fala. No contexto histórico do racismo a boca da/o negra/o foi amordaçada e silenciada para que no seu lugar o/a branco/a falasse. A virada social antirracista está no direito de a/ negra/o falar por si mesma/o na condição de sujeito e não como objeto segundo os parâmetros estéticos e políticos da branquitude. Falar significa também ocupar um lugar e desse lugar anunciar a existência daquela/e que fala.

Nesse sentido, a instalação artística, “Cidade Imaginária Antirracista: um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações artísticas” vai ao encontro do uso do espaço urbano enquanto suporte e lugar expositivo da arte contemporânea. No contexto da arte contemporânea, o espaço urbano é “ambiente de atuação artística e amplia a possibilidade de incorporação de elementos da vida cotidiana e o espectador se relaciona de forma mais direta com a obra” (CUNHA, 2017, p. 155). Para essa autora, a arte urbana como tema emergente da arte contemporânea promove a fusão do público e o privado. Em si, a arte contemporânea tem um caráter político e transgressor cujas raízes históricas dessa arte são vistas a partir do movimento estudantil, maio de 1968, na Cartier Latin, Paris. A partir desse evento, as ruas têm sido vistas, “como um dos territórios de expressão de uma arte que repensa os limites do espaço expositivo, atuando por meio de instalações, performances, cartazes, pôsteres, grafites, estênceis,

adesivos etc” (CUNHA, p. 156). O espaço na arte contemporânea ele ultrapassou o limite da tela e da moldura do quadro, o espaço na arte contemporânea ganhou o espaço-mundo. A rua, a praça, um prédio, uma lixeira, tudo pode servir de espaço expositivo e com o público se comunicar. O espaço é reconhecido como tema e lugar para a criação e proposição do artista. A cidade é o espaço e ambiente onde o artista atua. A cidade é constituída do espaço urbano e esse é construído por diversos territórios que são dinâmicos. O artista aproveita os espaços da cidade para criar e fazer intervenções urbanas.

A proposta da obra expositiva, “Cidade imaginária antirracista: um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações artísticas: um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações artísticas”, em si evoca a pensar o espaço da cidade numa perspectiva, que leve o público a desenvolver ações participativas antirracistas. Se o racismo é estrutural o mesmo está intrincado no tecido social da organização da cidade. O tecido social da cidade é composto por territórios cujas tramas são feitas de fios de relações de cor, raça e classe social. Na arte contemporânea, a instalação artística como meio de intervenção urbana, é função de o artista convidar o público à experiência, à estética participativa, ou seja, levar a interatividade à arte relacional.

Para Lourenço (2017), “o espaço da ação refere-se às obras que solicitam a interferência do espectador, seja para manipular o objeto, seja para integrar-se à obra”. Segundo a autora a instalação só ganharia sentido ou seria objeto artístico se houvesse a interferência do sujeito-espectador.

A instalação artística tem suas raízes no contexto da arte conceitual, e tem a ver com a “intenção do artista ao formular seu trabalho de intervenção e ambientação”, e por ele se coloca a revelar aquilo que a obra se propõe (CARNEIRO, 2017). A instalação artística não é uma mera exposição do objeto a ocupar o espaço. A instalação tem método. São métodos construídos com o objetivo de questionar e tornar visíveis os elementos ideológicos que cercam a exposição de um objeto ou a proposta artística. A instalação “Cidade Imaginária Antirracista: um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações artísticas” revela a intenção do artista de mostrar a cidade e seus problemas. Mas seriam pela intervenção da instalação artística as possíveis respostas para os problemas da cidade. Isso porque esse tipo de arte só se confirma à medida que a

participação do público completa sua função e forma artística. No caso da instalação artística, o espaço da cidade é ressignificado para dentro do espaço da ação, como diz Lourenço (2017), que entende que a obra só se completa com a participação do público. A participação do público ultrapassa a contemplação dos objetos da instalação artística. O público participador eleva a obra a um estado de criação permanente; cada participante tem um olhar criativo e diferente sobre a mesma.

O processo de criação de uma obra de arte contemporânea, segundo Oiticica (1986), esse seria um ato ilimitado, que tem a ver com a espontaneidade da mente, nasce dentro de cada um que se coloca a pensar. Mas é também mais que se deixar se levar apenas pelas projeções mentais, que, para ele: “é preciso movimentar o limitado, que é nascente, sempre novo; faz-se” (OITICICA, 1986, p.23). Conforme Hélio Oiticica, o faz-se é fazer, é verbo é interação do público com a instalação artística.

Segundo Bourriaud (2009, p. 9): “A arte é um estado de encontro fortuito”, entre o público e a obra. O encontro entre ambos promove a estética relacional, e, é esta estética que nos liga e nos coisifica pelo olhar (BOURRIAUD, 2009,p.11). A instalação artística só se completa como obra de arte quando o público interage, cria e recria através de outros olhares a estética relacional. Nesse sentido, vimos na instalação artística, “Cidade Imaginária Antirracista: um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações artísticas”, um potencial para o desenvolvimento entre o público e a obra a criação de uma estética antirracista produzida por novos olhares no que se diz a respeito da segregação urbana.

A cidade sua função social, de acordo com Gomes (2013) tem a ver com uma questão de posição: ponto de vista, composição e exposição. Para o autor, esses dispositivos tão simples, são importantes na compreensão do posicionamento dos objetos no espaço da cidade. Os objetos são: casas, ruas, parques, e outros, e, o posicionamento deles no lugar, não é aleatório. O posicionamento de cada objeto na cidade é resultado do processo histórico e estético contidos na arquitetura, nas marcas e símbolos da paisagem urbana.

Como o público interagiu e se relacionou com a obra de arte contemporânea, “Cidade imaginária antirracista: um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações artísticas: um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações



artísticas”, o que propuseram e quais os novos arranjos foram compostos a partir do olhar de cada participante para o espaço urbano da cidade?

A presente instalação, o local da exposição foi da Universidade Federal Fluminense, no campus da cidade Campos dos Goytacazes, e sua permanência teve a duração de dois dias. O público visitante e participante foi alunas e alunos do curso de Psicologia, Economia, Serviço Social, História, Geografia e Ciências Sociais da UFF Campos e alunas e alunos do curso de Teatro do IFF-Campos. Conforme mostra a imagem 01, foi exposto um bloco colorido branco, com sete palavras de comando, são elas: Sem-Preconceito, Diversidade, Igualdade, Cultura, Arte, Educação, Mobilidade, Amor.

Das sete palavras de comando, o participante escolhia até três palavras para compor um tipo de arranjo da sua cidade imaginária antirracista. Durante a exposição havia três assistentes de apoio para dar suporte técnico ao participante, e, se precisasse, fazia reposição das peças danificadas da instalação. Já num segundo momento, a equipe de apoio fazia as entrevistas e colhiam os depoimentos do participante. Os nomes dos participantes foram trocados por nomes fictícios para assegurar o anonimato dos entrevistados. Foram entrevistados dez participantes, e desses, cinco depoimentos foram selecionados considerando o atravessamento à questão racial acerca do tipo de arranjo da cidade composto por elas e por eles. Foram três participantes mulheres e dois homens, um cis e o outro homem trans.

A primeira entrevistada se chama Lauriete, é mulher e branca, estuda Geografia na UFF Campos. Perguntou-se para ela o porquê da escolha pelas palavras, Diversidade, Igualdade e Sem-Preconceito, e a mesma disse entender que: para pensar a cidade e suas questões sociais, essas palavras são interligadas por si mesmas o que requer que olhemos para as questões da cidade na sua totalidade. Ela diz:

Eu acredito que uma cidade sem preconceito, para mim seria aquela que, primeiro, reconhece a diversidade. Uma cidade que reconhece a diversidade sua população é capaz de viver a igualdade de fato e no dia-a-dia reconhecer a existência do preconceito para poder o mesmo combatê-lo. Uma coisa estaria ligada a outra. Quando enxergamos os preconceitos vimos a importância da diversidade como forma de existência da diferença (ENTREVISTA 01).

De fato, as três palavras se complementam. Não existe diversidade se não houver o direito à igualdade, e, a busca pela igualdade exige que se reconheçam muitos tipos de preconceitos para então se combater todos eles. Pessoas são iguais em direito e são

também diversas enquanto a sua raça e gênero. Raça, aqui, possui o sentido de estratificação social (HALL, 2009). O que garante o direito à diversidade é o direito a igualdade de direito do Estado moderno. A igualdade é uma garantia institucional. Quanto maior a igualdade de direito maior é a diversidade e menor é o preconceito contra o diferente.

A segunda entrevistada se chama Shaene e é aluna do curso de Economia, é mulher e branca. No seu depoimento a mesma disse ter escolhido as palavras de comando: Amor, Educação e Sem-Preconceito. Segundo ela, a base para uma cidade justa a primeira palavra a comandar seria o amor das pessoas umas para com as outras. O amor é capaz de gerar empatia entre as pessoas.

Eu acho que o amor é a base de tudo na vida, é a essência daquilo que é humano. Pelo amor as pessoas são humanizadas. Em todas as esferas sociais o amor deve estar. A educação como parte da vida humana ela é também um ato de amor, seja na família, ou seja, nos outros tipos de instituições (ENTREVISTA 02).

Amor tem um sentido amplo, está muito além de, apenas se mostrar com relações afetivas, mas, amor é o reconhecimento da existência do outro. É um exercício diário que se mostra pelo outro sem o preconceito de raça. O preconceito racial é o reconhecimento negativo da desumanização do outro. O amor é a constância da evocação de: “Sim à vida. Sim ao amor. Sim à generosidade. Do contrário o homem também é não. Mas é preciso se opor ao contrário. Tipo: Não ao desprezo do homem. Não à indignidade do homem. Não à exploração do homem. Ao assassinato daquilo que há de mais humano no homem: a liberdade (FANON, 2008, p. 184). Para Frantz Fanon, a liberdade do homem preto francês tem a ver com a consciência de si, ou seja, a tomada de sua existência a partir da sua consciência sobre si mesmo, do homem que ele é, da sua humanidade em si. Em “Pele negra máscaras brancas”, ele analisou o preto francês a/o (negra/o) à luz da retórica de Hegel que, trata sobre: “A consciência de si é em si e para si quando e porque ela é em si e para si uma outra consciência de si; isto quer dizer que ela só é enquanto ser reconhecido” (Apud FANON, 2008, Hegel, *Phénoménologie de l'esprit*, tradução de Hyppolite, p. 155).

O reconhecimento do homem preto, a sua humanidade depende diretamente do outro, é o outro é quem reconhece a sua humanidade. Enquanto o outro não o reconhece como homem ele está a depender do seu reconhecimento. A luta por reconhecimento

evoca em si, no preto a/o (negra/o) o desejo à oposição do outro do homem branco, e é o desejo o primeiro sentimento que o leva à dignidade da sua consciência e da sua razão (FANON, 2008).

Ele conclui dizendo:

Peço que me considerem a partir do meu Desejo. Eu não sou apenas aqui- agora, enclausurado na minha coisidade. Sou para além e para outra coisa. Exijo que levem em consideração minha atividade negadora, na medida em que persigo algo além da vida imediata; na medida em que luto pelo nascimento de um mundo humano, isto é, um mundo de reconhecimentos recíprocos (FANON, 2008, p. 181).

Reposicionando aqui, a escolha da participante Shaene, que ao interagir com a instalação, Cidade Imaginária Antirracista: um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações artísticas, ente as palavras de comando ela escolheu a palavra Amor, e vimos em Frantz Fanon, que o Amor exprime o Desejo, um desejo que tem a ver com a negação da inumanidade imposta pelo racismo estrutural e, todavia, é por isso se luta pelo nascimento de um mundo humano onde o reconhecimento entre brancos e pretos seja de fato recíproco.

A palavra Educação foi a segunda palavra de comando escolhida pela participante Shaene, e considerando que a presente instalação propõe para o público pensar uma cidade imaginária antirracista, significa que, numa cidade racista, o outro a/o negra/o permanece invisível na estrutura educacional ainda hegemonicamente branca. A educação seja ela formal ou informal, no Brasil, a cultura afro-brasileira sempre esteve à margem dos processos históricos, políticos e estéticos. A mudança de margem de exclusão da cultura afro-brasileira, no âmbito da educação, só veio acontecer em 2003, quando se criou a lei 10639/03 e tornou obrigatório de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases, o ensino da cultura afro-brasileira. Desde a criação da lei 10639/03, muitas possibilidades de abordagem racial nas escolas têm surgido, contudo os desafios para fazer valer a sua implementação em toda estrutura educacional do país permanece o seu maior desafio (REIS, 2019). Por ser uma obrigatoriedade abordar a temática racial na escola e também no ensino superior, ainda que não seja suficiente no combate ao racismo estrutural, a primeira e segunda década do século passado houve um avanço através de políticas e programas educacionais significativo no combate ao racismo.

Sendo o racismo estrutural o seu combate requer que se olhe para todas as estruturas onde ele está presente. Foi preciso se criar uma lei específica para a educação

para se criar tecnologias educacionais com forma e conteúdo no combate ao racismo. Do mesmo modo, na cidade tem gente pensando uma cidade antirracista, e, para isso, para que o pensamento ganhe forma de combate é preciso se criar ações efetivas de combate ao racismo. É inquestionável que a educação é um espaço importantes no combate às estruturas raciais.

A terceira entrevistada se chama Joana, ela é mulher cis e negra e cursa História na UFF Campos, e é artista de rua. Como intervenção urbana por meio da instalação artística ela escolheu como palavras de comando: Cultura, Mobilidade e Arte. Segundo ela, as três palavras mantêm uma conexão com o sentido do que é a cidade para si.

A cidade é o lugar de diversos territórios de disputas de pessoas e culturas diferentes. Escolhi essas palavras porque não vejo como pensar a cidade sem se ver como importantes: a cultura, a arte e a mobilidade. A cultura é a identidade de um grupo ou de uma tribo. Na cidade, a cultura dominante é branca e para essa os negros são invisíveis. Acredito que é pela cultura que os negros vão demarcar seus territórios e buscar visibilidade. Vejo que, quanto mais forte for a cultura de um grupo mais se pode reivindicar territórios na cidade, inclusive mais mobilidade urbana também se pode buscar; pois quanto maior for o acesso à cidade, mais se pode se utilizar da mobilidade urbana para levar nossa arte como mulher preta e artista de rua (ENTREVISTA 03).

Nota-se na fala da Joana, que, como mulher preta, ao dizer do seu lugar de fala, ela acredita que pela cultura é possível se criar territórios e gerar visibilidade. Uma cultura forte exige mobilidade urbana e pela mobilidade urbana maior seriam a possibilidade de se criar novos territórios no espaço da cidade. Segundo ela, como mulher preta e artista a arte seria um farol a iluminar os invisíveis na cidade racista. Sua fala destaca a força da cultura como um lugar gerador de visibilidade e de novos territórios antirracistas.

Outro ponto a ser notado é que, a instalação “Cidade imaginária antirracista: um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações”, a proposta levou a Joana a se posicionar e falar do seu lugar e das suas experiências sociais vividas. Falar a respeito da cidade é um ato de emancipação política e de cidadania. A dinâmica territorial evoca os agentes a se colocar a partir do seu lugar de fala, ou seja, a partir da sua trajetória social. Segundo Ribeiro (2013). Todos têm lugar de fala e com responsabilidade no combate a qualquer tipo de preconceito.

A travesti negra fala a partir de sua localização social, assim como o homem branco cis. Se existem poucas travestis negras em espaços de privilégio, é legítimo que exista uma luta para que elas, de fato, possam

ter escolhas numa sociedade que as confina num determinado lugar, logo é justa a luta por representação, apesar dos seus limites. Porém, falar a partir de lugares é também romper com essa lógica de que somente os subalternos falem de suas localizações, fazendo com que aqueles inseridos na norma hegemônica sequer se pensem. Em outras palavras, é preciso, cada vez mais, que homens brancos cis estudem branquitude, cisgeneridade, masculinos (RIBEIRO,2020, p.68).

Dito com outras palavras, a responsabilidade de falar e combater a qualquer tipo de opressão compete a todos. Cada um deve e pode falar do seu lugar social, no que diz respeito ao racismo, fazer o seu combate é uma responsabilidade de todos e não apenas uma luta pra se lutar do negro. O racismo é a permanência histórica e estrutural do privilégio da branquitude. É responsabilidade entender que a branquitude é um signo racial mantenedor de privilégio racial e conseqüentemente esse privilégio mantém a desumanização dos não brancos. Como o exemplo citado pela autora, uma travesti negra fala a partir da sua localização, porém a mesma deve lutar por representatividade, uma vez que esses corpos continuam invisíveis nos lugares sociais de poder. Contudo, os outros tipos de orientação não travestis, como, cis, masculinos e brancos cabem a cada um, do seu lugar assumir a responsabilidade social contra a opressão contra a qualquer tipo de situação de subalternidade.

O quarto entrevistado se chama João, é homem cis. Ele é negro e cursa Licenciatura em Teatro no IFF Campos. Perguntado sobre sua escolha pelas palavras de comando para criação da sua “Cidade Imaginária Antirracista: um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações artísticas”, ele escolheu a palavra Cultura e se explicou.

Eu quis que a palavra cultura fosse a pedra de fundação da minha cidade. Para mim, a criação de uma cidade se passa primeiro pela cultura do povo que a constitui. Nesse sentido, hoje, a escola no seu currículo, tem uma lei de número 10.639 de 2003, que obriga se ensinar sobre a cultura afro-brasileira. Eu sou estudante do teatro e acredito que a cultura salva vidas, ela é um meio de se oportunizar a existência do outro. Eu fui resgatado e passei a me reconhecer pela minha cultura. Acredito que resgatar a cultura afro-brasileira vai ser uma forma de se combater o racismo (ENTREVISTA04).

O entrevistado 04 fez dois destaques sobre o porquê da escolha pela palavra cultura. O primeiro tem a ver com a criação da lei 10639/03 se passou a obrigar o ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira na escola, o que tornou obrigatório no currículo a abordagem da temática racial, com base na história e na cultura dos povos afro-brasileiros; e o segundo, sendo João

estudante de teatro, ele tem a convicção que, pela cultura é possível sim, segundo suas palavras: “Salvar vidas e dar existência ao outro”, ou seja, a cultura seria então um lugar de re-existência, que dito com outras palavras, significaria que pela cultura afro-brasileira é possível trazer à existência os corpos negros em estado de permanência desumanização pelo racismo estrutural.

Insistir com o João, para que falasse mais a respeito da sua relação com a cultura e como foi a sua experiência, o momento que se sentiu salvo por ela. Ele se repetiu e acrescentou:

Fui resgatado pela cultura quando eu era aluno do Ensino Médio, e na aula de Sociologia a professora propôs para a turma fazer uma peça de teatro cuja temática tinha como abordagem, a natureza e a preservação dos recursos hídricos, e, a peça, dentre os personagens, havia uma personagem que representava Deus, e, entre tantos alunos ela chegou a mim e me perguntou se eu podia representar a personagem Deus. Eu pensei, é sério isto? - Porque para mim Deus era branco. Não só eu pensei assim. Houve colegas que questionaram a professora também, perguntaram a ela, como eu poderia representar Deus se eu era preto. Ela foi enfática em dizer pra todos nós, que Deus era brasileiro e eu representava o Brasil. Eu era a cara do Brasil. Na hora me senti o Brasil de verdade. Senti-me representando a minha sala e toda a escola. Eu era o Deus brasileiro. Passei a acreditar que eu existia para os outros (ENTREVISTA 04).

A cor da pele de João era preta e essa referência fazia de si acreditar não se assemelhar a Deus, porque na sua visão Deus era branco. Não somente sua projeção acerca da cor de Deus, os colegas de sala não hesitaram também de questionar a professora a sua cor. Nota-se que, por detrás da certeza de João e de seus colegas há um imaginário que Deus é branco. Isto porque, o cristianismo religião oficial do colonizador reproduziu a imagem de um Deus eurocêntrico, cuja encarnação de seu Filho Jesus Cristo figura um homem branco de olhos azuis. Está na estrutura do pensamento colonial: Deus é branco. Sendo assim, como um corpo não branco pode representar um Deus branco? Houve que, a percepção de João de si foi que ela não se via representando Deus, porque aprendeu a ver um Deus que tinha a cor diferente da sua.

Em Memórias da Plantação, Grada Kilomba explica que: “A percepção de si ocorre, portanto, no nível do imaginário branco e é reforçada diariamente para o sujeito negro através de imagens coloniais, terminologias e línguas” (KILOMBA, p. 151). Dito com outras palavras, no caso de João, a visão que o sujeito negro tem de si mesmo não foi projetada a partir dele, sua existência depende do outro – branco – para existir. Para ele, representar a personagem Deus só se ele fosse branco, até então seu corpo não tributava para a representação de Deus no teatro. É a vivência do preto no mundo branco. O

mundo do Deus europeu foi construído sobre uma projeção de uma imagem de um Deus branco.

Na América Latina, historicamente o negro está num mundo branco e a esse respeito, Frantz Fanon tem uma proposição em que pergunta:

Qual a nossa proposição? Simplesmente esta: quando os pretos abordam o mundo branco, há uma certa ação sensibilizante. Se a estrutura psíquica se revela frágil, tem-se um desmoronamento do ego. O negro cessa de se comportar como indivíduo acional. O sentido de sua ação estará no Outro (sob a forma do branco), pois só o Outro pode valorizá-lo. No plano ético, ou seja, valorização de si (FANON, 2008, p. 136).

No caso do aluno João não foi diferente, ele só sentiu que existia e havia um valor de si a partir da intervenção da professora ao afirmar que Deus era brasileiro e ele era também a cara do Brasil. É como se a sua existência passasse a contar e a ser vista somente pela validação da professora, quando ele se afirmou se alguém: “Senti-me representando a minha sala e toda a escola. Eu era o Deus brasileiro. Passei a acreditar que eu existia para os outros” (ENTREVISTA 04).

O quinto entrevistado, se chama Joacy. Ele é negro e homem trans. Segundo ele, a escolha de suas palavras teve a ver com a sua vivência como um morador trans da cidade. As palavras por ele escolhidas foram: Diversidade e Amor.

Pra mim, minha cidade, primeiro vem a Diversidade e depois o Amor. Quando eu era criança as pessoas me chamavam pelo meu primeiro nome e me viam como uma menina, só que eu não me via uma menina. Passei a entender minhas diferenças mais tarde, já com quatorze anos. Só fui me compreender a partir da vivência com pessoas que eram parecidas comigo, gays e travestis. Eu sentia que eles me enxergavam como eu me via. Para eu viver a minha diversidade contei com poucas pessoas, mas, essas, para eu existir hoje como o Joacy, não desistiram de mim. As cidades atuais não são feitas para gays e travestis morarem e trabalhar. As cidades ainda são para somente homem e mulher segundo o seu sexo. Tenho orgulho de quem eu sou. Quero uma cidade onde as pessoas sejam reconhecidas nas suas diferenças em todos os lugares, como no passeio público, nos shoppings, nos restaurantes. Não quero me esconder, quero viver a cidade como as pessoas binárias vivem e sem ser discriminadas (ENTREVISTADO 05).

A fala do Joacy evidencia uma questão emblemática para a cidade hoje: para quem é construída a cidade? Segundo o seu argumento a cidade moderna foi pensada pelos e para os binários homem e mulher. Toda matriz não binária de composição LGBTQI+<sup>6</sup>,

<sup>6</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Queer, Intersexo e Assexuais. Segundo Iarema Soares, cada letra da sigla significa respeito à orientação sexual e à identidade de gênero.

estaria de fora dos espaços públicos e privados da cidade, já que o padrão heteronormativo ainda é hegemônico. Por outro lado, ao mesmo tempo a população LGBTQI+ busca recriar lugares não existentes para assegurar a existência enquanto gente. Historicamente,

“Os gays foram os primeiros a recriarem seu próprio “mundo” na cidade ocidental, apoderando-se de lugares diversos para torná-los seus sem que a cidade majoritária tivesse total percepção disso (Apud CORTÉS, 2008)”. [...] Assim, ao fazê-lo, com sua presença e suas ações, tais grupos transformavam os espaços e lhes conferiam no mínimo um conteúdo diferente, quando não subversivo, do que até então havia existido ali, ressignificando o espaço público/privado e suas relações, seus corpos e desejos (PAGNAN e RODRIGUES, 2019).

A disputa pelo espaço é uma disputa política, e para àquelas e àqueles fora da ordem heteronormativa cujos corpos são fora do padrão hegemônico, como, pretos, gays, travestis, trans, *queer* e a mais, na maioria das vezes sobreviver na cidade cotidianamente, essas pessoas contam apenas com seus corpos como o único lugar de movimento e ocupação das ruas, calçadas, praças, banheiros públicos, como seus territórios de subversão e resistência. Muitas cidades, de dia suas ruas e praças são ocupadas por atividades convencionais, já à noite, lugares são territorializados e ocupados por corpos gays em evidência notados por homens de diferentes classes, raças e gêneros, e, comum, experienciam o prazer, o sexo e fetiches. A territorialização do espaço está para o corpo *gay* assim como está para quem busca sentido fora da heteronormatividade onde o *queer* é o estranho e o invisível.

A ausência de visibilidade do corpo *queer* na ordem social vigente faz o Brasil seguir recordista global de assassinatos de pessoas transgênero, somente em 2020 foram assassinados pelos menos cento e setenta e cinco travestis e transexuais, diz o anual da Associação Nacional de Travestis e Transexuais – ANTRA (ANTUNES, 2021). É importante destacar que, de acordo com a jornalista Leda Antunes, o relatório é feito a partir de casos anunciados na mídia e notificados, mas vale lembrar que há uma subnotificação diariamente de casos de assassinatos de travestis e transexuais em todo Brasil. A desimportância e a invisibilidade são fatores que ainda superam o direito da população LGBTQIA+ mais de existir na diversidade e nos espaços e lugares da cidade.



#### 4. Considerações finais

Conclui-se que, “Cidade Imaginária Antirracista: um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações artísticas”, como obra de arte, cumpriu o objetivo principal levar o público a se colocar como participante reflexivo. De fato, as entrevistas apontaram uma participação do público com contribuições significativas acerca de se criar uma cidade antirracista. As entrevistas mostraram diferentes estratos de raça e gênero o dilema do corpo negro e do *queer* ainda viver na invisibilidade. Contudo, trazer os corpos invisíveis para o espaço urbano, confirmou o lugar que arte contemporânea tem ocupado na cidade, que é o de ir até onde o povo está, para escutar, refletir e propor para transformar as estruturas sociais. O presente artigo mostrou a partir de cinco entrevistas que, corpos e vozes insurgentes têm denunciado os privilégios da branquitude e as imposições da ordem heteronormativa. E, corpos negros e LGBTQI+ têm assumido também o seu lugar de fala e se mostrado o que pensam de si, e sobre tudo sobre o racismo estrutural e os problemas de gênero, dado que não é possível encobrir o aumento dos assassinatos por racismo e homofobia no Brasil.

As cinco entrevistas são vozes insurgentes contra uma cidade que ainda insiste a silenciar as pessoas e corpos estranhos fora do padrão branco e heteronormativo. Como diz o entrevistado 04, Joacy, homem negro trans: “As cidades atuais não são feitas para gays e travestis morarem e trabalhar. As cidades ainda são para somente homem e mulher segundo o seu sexo”. Para não concluir: enquanto a cidade não se tornar um lugar de inclusão de todos e respeitar o sujeito na sua diferença de raça e gênero, a arte contemporânea por meio de intervenções urbanas vai rompendo com preconceitos e propondo ainda que no imaginário, cidades antirracistas e anti-homofóbicas, como esse artigo se propôs mostrar.

#### Referências

ANTUNES, Leda. Brasil mata 175 travestis e transexuais em 2020 e segue recordista global de assassinatos de pessoas transgênero, diz dossiê anual da Antra. O Globo. [https:// o.globo.com/brasil/celina/brasil-mata-175-travestis-transexuais-em-2020-segue-recordista-](https://o.globo.com/brasil/celina/brasil-mata-175-travestis-transexuais-em-2020-segue-recordista-)

global-de-assassinatos-de-pessoas-transgenero-diz-dossie-anual-da-antra-24859138.  
Acessado em 12/03/2022.

BOURRIAUD, Nicolas. Estética Relacional. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

CALVINO, Ítalo. As Cidades Invisíveis. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARNEIRO, Ivana Angélica. Artes visuais práticas tridimensionais. Curitiba: Intersaberes, 2017.

CASTELLS, Manuel. A questão urbana. Rio de Janeiro: SP. Paz&Terra, 2020.

CUNHA, Amanda S. Torres. Caminhos em Poéticas Visuais Bidimensionais. Curitiba: Intersaberes, 2017.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Bairro negro, lugar fora das ideias urbanísticas. In. CUNHA JUNIOR, Henrique; BIÉ, Estanislau Ferreira; et al (Orgs.). Bairros negros cidades negras. Fortaleza, CE: Editora Via Dourada, 2019.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador : EDUFBA, 2008.

GOMES, Paulo César da Costa. O lugar do olhar: Elementos para um Geografia da Visibilidade. São Paulo: Bertrand, 2013.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação. São Paulo: Cobogo, 2019.

LOURENÇO, Clediane. Entre cores, formas e labirintos: arte tridimensional. Curitiba: Intersaberes, 2017.

MOTA, Edimilson Antônio. O olhar dos agentes escolares sobre a lei 10.639/03: o desafio de sua implementação. Dissertação, UENF, 2009.

OITICICA, Hélio. Aspiro ao grande labirinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

PAGNAN, Redson e RODRIGUES, Marília Giselda. Linn da Quebrada: o corpo trans na experiência urbana. Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978), v. 48, n. 3, p. 1517-1534, dez. 2019.

RIBEIRO, Djamila. Lugar de fala. São Paulo: Jandaíra, 2020.

REIS, Gianne Cristina dos. O estado da arte: a implementação das leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-023.2019v16n1p196/40132>. Acessado em 24/02/2022.

SILVA, Ana Carla de Moraes e SILVA, Beatriz Araújo da. <file:///C:/Users/User/Downloads/8664181-Texto%20do%20artigo-100364-1-10-20210512.pdf>.

Código de campo alterado

Acessado em 14/03/2022.

SOARES, Iarema. <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2021/06/lgbtqia-saiba-o-que-significa-cada-parte-integrante-da-sigla-ckqgxh2pfo02a018mypono2qo.Htm>  
l#:~:text=A%20outra%20forma%20que%20se,mesmo%20para%20al%C3%A9m%20dessa%20binaridade.Acessado em 11/03/2022.

## Apêndices

### Imagem 01



Foto: Produção do próprio autor.

## **CIDADE IMAGINÁRIA ANTIRRACISTA: UM OLHAR SOBRE AS INTERVENÇÕES URBANAS POR MEIO DAS INSTALAÇÕES ARTÍSTICAS**

**Edimilson Antônio Mota**

**2817604**

### **1. Introdução**

Na Arte Contemporânea, a instalação artística é uma das linguagens mais importante e reconhecida, pois ela estimula as percepções sensoriais e permite o público interagir com a obra. A instalação artística é um tipo de intervenção urbana e, por ela, o público tem contato direto com a obra e interage com a mesma como participante (HOITICICA,1986). A intervenção urbana “Cidade Imaginária Antirracista: um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações artísticas”, se propôs levar o público a refletir sobre a cidade e, por meio da poética, se colocar e intervir nos espaços públicos e criar novos arranjos no espaço urbano. Para a reflexão, a presente instalação colocou o racismo estrutural como o vetor da segregação urbana da cidade. O objetivo foi despertar o olhar crítico do observador e assim chamar o público para participar da instalação e por ela propor uma cidade imaginária antirracista construída a partir do ponto de vista de cada participante.

A presente instalação artística cumpre também a função de tecnologia social, já que se torna para o público uma ferramenta com a finalidade de propor meios de combate ao racismo na cidade. Ela permite ao público participante a criar e recriar arranjos de inclusão antirracista na cidade.

Como tal, a mesma objetivou mostrar o espaço urbano como um lugar atravessado de relações raciais em que olhares e histórias se entrecruzam no dia-a-dia na cidade. Porque, de fato, pessoas são atravessadas de Sem-Preconceito, Diversidade, Igualdade, Cultura, Arte, Educação, Mobilidade, e Amor. Essas palavras são coeficientes com a capacidade de levar o público - o participante - segundo o seu ponto de vista refletir suas vivências sobre os diferentes arranjos espaciais da cidade.

A proposta da instalação como primeiro objetivo buscou: 1. Abordar o conceito de espaço na arte contemporânea; e, 2. Levar o público a se colocar como participante reflexivo, e criar arranjos poéticos antirracistas sobre o espaço segregado da cidade.

## **2. Marco teórico do relato de experiência**

O processo de criação de uma obra de arte contemporânea, segundo Oiticica (1986), esse seria um ato ilimitado, que tem a ver com a espontaneidade da mente, nasce dentro de cada um que se coloca a pensar. Mas é também mais que se deixar se levar apenas pelas projeções mentais, que, para ele: “é preciso movimentar o limitado, que é nascente, sempre novo; faz-se” (OITICICA, 1986, p.23). Conforme Hélio Oiticica, o faz-se é fazer, é verbo é interação do público com a instalação artística. A experiência se dividiu em três partes:

- a) Primeira parte: Em julho de 2019, ocorreu o insight, uma projeção mental de se criar uma instalação de arte como forma de intervenção urbana para abordar as desigualdades raciais da cidade;
- b) Segunda parte: Em agosto de 2019, definido que o material que se utilizaria seria papelão, e com caixas descartadas de supermercados, se iniciou a busca pelo material nas principais lojas da cidade. A mesmas passaram por um processo de pintura em cores primárias, secundárias e terciárias;
- c) Terceira e última parte: A instalação foi exposta em outubro de 2019, no campus da Universidade Federal Fluminense- Campos-RJ, nos dias 21 e 22.

## **3. Local e população envolvida no relato**

A instalação foi composta por conjuntos de cento e cinquenta blocos geométricos coloridos feitos de caixa de papelão reaproveitadas dos descartes feitos pelos supermercados da cidade de Campos dos Goytacazes. Primeiro as caixas passaram por um processo de pintura nas cores primarias, secundárias e terciárias, sendo ressignificadas como *ready-mades* e; no segundo momento, do conjunto, as

mesmas foram expostas numa área de trezentos metros quadrados, como: I Mostra Artística, no campus da UFF, nominada de: “Cidade Imaginária Antirracista: um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações artísticas”. Cada bloco colorido correspondia à cor de cada palavra descrita no bloco de comando branco onde continha as instruções para o público, conforme mostra a imagem da página.06.

A presente instalação, o local da exposição foi da Universidade Federal Fluminense, no campus da cidade Campos dos Goytacazes, e sua permanência teve a duração de dois dias. O público visitante e participante foi alunas e alunos do curso de Psicologia, Economia, Serviço Social, História, Geografia e Ciências Sociais da UFF Campos e alunas e alunos do curso de Teatro do IFF-Campos. Conforme mostra a imagem 01 da página 06, foi exposto um bloco colorido branco, com sete palavras de comando, são elas: Sem-Preconceito, Diversidade, Igualdade, Cultura, Arte, Educação, Mobilidade, Amor.

Das sete palavras de comando, o participante escolhia até três palavras para compor um tipo de arranjo da sua cidade imaginária antirracista. Durante a exposição havia três assistentes de apoio para dar suporte técnico ao participante, e, se precisasse, fazia reposição das peças danificadas da instalação. Já num segundo momento, a equipe de apoio fazia as entrevistas e colhiam os depoimentos do participante. Os nomes dos participantes foram trocados por nomes fictícios para assegurar o anonimato dos entrevistados. Foram entrevistados dez participantes, e desses, cinco depoimentos foram selecionados considerando o atravessamento à questão racial acerca do tipo de arranjo da cidade composto por elas e por eles. Foram três participantes mulheres e dois homens, um cis e o outro homem trans.

#### **4. Relato primeira sessão**

O público é convidado a participar e a interagir com a instalação e a se utilizar de todas as palavras-comando expostas no parágrafo anterior e estabelecer relações de sentido com os blocos coloridos e recriar outros arranjos do espaço urbano, conforme mostra a imagem 01 da página 07.

#### **5. Relato da segunda sessão ( a cada sessão realizada deverá ser descrita)**

Dentre o público participante foram entrevistadas dez pessoas e, destas dez, foram selecionadas para compor o relato cinco entrevistas. Todas as entrevistas foram feitas durante os dois dias de exposição, dias 21 e 22 de outubro de 2019. Subdividimos em pelo menos cinco sessões de entrevistados. São elas:

A primeira entrevistada se chama Lauriete, é mulher e branca, estuda Geografia na UFF Campos. Perguntou-se para ela o porquê da escolha pelas palavras, Diversidade, Igualdade e Sem-Preconceito, e a mesma disse entender que: para pensar a cidade e suas questões sociais, essas palavras são interligadas por si mesmas o que requer que olhemos para as questões da cidade na sua totalidade.

A segunda entrevistada se chama Shaene e é aluna do curso de Economia, é mulher e branca. No seu depoimento a mesma disse ter escolhido as palavras de comando: Amor, Educação e Sem-Preconceito. Segundo ela, a base para uma cidade justa a primeira palavra a comandar seria o amor das pessoas umas para com as outras. O amor é capaz de gerar empatia entre as pessoas.

A terceira entrevistada se chama Joana, ela é mulher cis e negra e cursa História na UFF Campos, e é artista de rua. Como intervenção urbana por meio da instalação artística ela escolheu como palavras de comando: Cultura, Mobilidade e Arte. Segundo ela, as três palavras mantêm uma conexão com o sentido do que é a cidade para si.

O quarto entrevistado se chama João, é homem cis. Ele é negro e cursa Licenciatura em Teatro no IFF Campos. Perguntado sobre sua escolha pelas palavras de comando para criação da sua “Cidade Imaginária Antirracista: um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações artísticas”, ele escolheu a palavra Cultura e se explicou.

O quinto entrevistado, se chama Joacy. Ele é negro e homem trans. Segundo ele, a escolha de suas palavras teve a ver com a sua vivência como um morador trans da cidade. As palavras por ele escolhidas foram: Diversidade e Amor.

## **6. Metodologia do estudo**

As metodologias utilizadas foram revisão bibliográfica e pesquisa experimental. Na primeira parte foi selecionado e revisado um conjunto de autoras/es do campo da arte, cuja abordagem teórica põe por discussão: a arte

contemporânea, o espaço na arte contemporânea, a instalação e intervenção urbana; e por fim, a palavra racismo como eixo atravessador à essas palavras. O procedimento metodológico se subdividiu em quatro partes, são elas: 1. Levantamento bibliográfico, 2. Descrição da teoria de criação da instalação artística, 3. Descrição da exposição da instalação artística, “Cidade Imaginária Antirracista: um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações artísticas”, e, 4. Análise dos depoimentos coletado do público participante da instalação durante a exposição.

A instalação foi composta por conjuntos de cento e cinqüenta blocos geométricos coloridos feitos de caixa de papelão reaproveitadas dos descartes feitos pelos supermercados da cidade de Campos dos Goytacazes. Primeiro as caixas passaram por um processo de pintura nas cores primárias, secundárias e terciárias, sendo ressignificadas como *ready-mades*<sup>7</sup> e; no segundo momento, do conjunto, as mesmas foram expostas numa área de trezentos metros quadrados, como I Mostra Artística, no *campus* da UFF, nominada de: “Cidade Imaginária Antirracista: um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações artísticas”. Cada bloco colorido correspondia à cor de cada palavra descrita no bloco de comando branco onde continha as instruções para o público, conforme mostra a imagem 01 da página 06..

### **7. Conclusão do relato**

Conclui-se que, “Cidade Imaginária Antirracista: um olhar sobre as intervenções urbanas por meio das instalações artísticas”, como obra de arte, cumpriu o objetivo principal levar o público a se colocar como participante reflexivo. De fato, as entrevistas apontaram uma participação do público com contribuições significativas acerca de se criar uma cidade antirracista. As entrevistas mostraram diferentes estratos de raça e gênero o dilema do corpo negro e do *queer* ainda viver na invisibilidade. Contudo, trazer os corpos invisíveis para o espaço urbano, confirmou o lugar que arte contemporânea tem ocupado na cidade, que é o de ir até onde o povo está, para escutar, refletir e propor para transformar as estruturas sociais. O presente artigo mostrou a partir de cinco entrevistas que, corpos e vozes insurgentes têm denunciado os

---

<sup>7</sup>Exposição de objetos prontos, já existentes e em geral utilizados na vida cotidiana (CAUQUELIN, 2005, p. 93).



privilégios da branquitude e as imposições da ordem heteronormativa. E, corpos negros e LGBTQI+ têm assumido também o seu lugar de fala e se mostrado o que pensam de si, e sobre tudo sobre o racismo estrutural e os problemas de gênero, dado que não é possível encobrir o aumento dos assassinatos por racismo e homofobia no Brasil.

As cinco entrevistas são vozes insurgentes contra uma cidade que ainda insiste a silenciar as pessoas e corpos estranhos fora do padrão branco e heteronormativo. Como diz o entrevistado 04, Joacy, homem negro trans: “As cidades atuais não são feitas para gays e travestis morarem e trabalhar. As cidades ainda são para somente homem e mulher segundo o seu sexo”. Para não concluir: enquanto a cidade não se tornar um lugar de inclusão de todos e respeitar o sujeito na sua diferença de raça e gênero, a arte contemporânea por meio de intervenções urbanas vai rompendo com preconceitos e propondo ainda que no imaginário, cidades antirracistas e anti-homofóbicas, como esse artigo se propôs mostrar.

#### Imagem 01



Foto: Produção do próprio autor.